



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

## Novos migrantes em cena: pobreza e (e)migração em Luiz Ruffato

## New migrants on the scene: poverty and (e)migration in Luiz Ruffato

Allysson Augusto Silva Casais<sup>1</sup>

**Resumo:** O Brasil se encontra atualmente em um contexto migratório diferente daquele do final do século XIX e início do XX. Nessa nova conjuntura, o país passa a ocupar uma posição divergente daquela do passado - não somos mais somente uma nação de chegada, mas também nos caracterizamos como um lugar de partida. Dessa forma, novas figuras de migrantes passam a surgir em nossa literatura, tal como o refugiado e o emigrante brasileiro. Neste artigo, a partir de uma leitura de *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), de Luiz Ruffato, visamos lançar luz sobre a segunda figura, abordando a ida de brasileiros pobres para o exterior em busca de melhores condições de vida. Para tal, primeiro localizamos a obra em uma tradição literária brasileira sobre o deslocamento ao exterior para, posteriormente, averiguar como o projeto de Ruffato de representar a classe média baixa pode ser entendido dentro desse quadro.

**Palavras-chave:** Luiz Ruffato; Migração; Novos migrantes; Pobreza

**Abstract:** Brazil currently finds itself in a migratory context different from the one in the late 19th and early 20th centuries. In this new conjuncture, the country occupies a position that diverges from that of the past - no longer just a nation of arrival, we are also characterized as a place of departure. Hence, new figures of migrants, such as the refugee and the Brazilian emigrant, start to appear in our literature. In this paper, based on a reading of *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), by Luiz Ruffato, we aim at shedding light on the latter figure, addressing the departure of poor Brazilians to other countries in search of better living conditions. To this end, we first locate the work in a Brazilian literary tradition of traveling abroad to, in turn, understand how Ruffato's project of representing the lower middle class can be understood within this framework.

**Keywords:** Luiz Ruffato; Migration; New Migrants, Poverty

---

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, mestre em Estudos Literários (subárea: Literatura Brasileira e Teoria da Literatura) pela Universidade Federal Fluminense (2020) e licenciado em Letras (Português-Inglês e suas Literaturas) pela Universidade Federal de Lavras (2017).



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Em 2007, a Companhia das Letras convidou dezessete autores brasileiros para participarem do projeto editorial Amores Expressos. A ideia era enviar escritores para diferentes cidades do mundo para que eles, após um mês nesses lugares, publicassem uma obra literária a partir de suas experiências. Luiz Ruffato foi um dos participantes convidados, escrevendo *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009) após sua estada na capital portuguesa.

A narrativa retrata a vida de personagens brasileiros que encaram a ida a Portugal como possibilidade de ascensão socioeconômica. O protagonista, Sérgio de Souza Sampaio - Serginho - é um operário de Cataguases, como de *praxe* na escrita ruffatiana, e decide se mudar para Lisboa com o plano de acumular capital o suficiente para investir na compra de imóveis ao voltar para sua cidade natal. Esse plano, entretanto, não funciona, e o romance encerra com a vida de Serginho reduzida à existência clandestina nas ruas de Lisboa, a possibilidade de retorno ao Brasil distante.

O romance de Ruffato, portanto, se torna uma das obras pelas quais novos migrantes passam a entrar em cena na literatura brasileira. Aqui, não temos uma ficção ligada à imigração do final do século XIX e início do XX como é de costume na literatura brasileira (contemporânea ou não) de imigração, mas uma narrativa inserida na conjuntura migratória atual. Neste contexto, duas figuras passam a integrar o leque de personagens na literatura sobre migração no Brasil: o refugiado e o emigrante brasileiro. *Estive em Lisboa e lembrei de você* destaca este último. Nosso interesse neste artigo, desse modo, é fazer uma leitura da obra de Ruffato para investigar o deslocamento ao exterior movido por motivos socioeconômicos. Isto é, visamos fazer um exame da figura do brasileiro como estrangeiro *pobre*. Para tal, nosso primeiro passo é averiguar como a obra se relaciona com uma tradição literária brasileira de deslocamento.



## 1. Trânsitos na literatura brasileira

Em seu ensaio sobre o exílio, Edward Said (2003) faz algumas distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. Para o crítico, o exilado foi banido; o refugiado faz parte de “grandes rebanhos de gente inocente” necessitados de ajuda internacional; o expatriado mora em outro país voluntariamente; e o emigrado ocupa uma situação ambígua - ele não foi banido, mas vive no exílio (SAID, 2003, p. 53). Neste artigo, visamos tecer algumas considerações entre essas duas últimas classificações.

Said exemplifica emigrados ao falar de “funcionários coloniais, missionários, assessores técnicos, mercenários e conselheiros militares”, no entanto, no atual século, o emigrado é distinguido do expatriado a partir de uma questão de poder (SAID, 2003, p. 53). Como o vasto número de *blogs* e artigos *online* de indivíduos rotulados como *expats*<sup>2</sup> destaca, o expatriado é aquele advindo de lugar específico (Europa, Estados Unidos, Austrália, etc) que migra para regiões na África, na América Latina e na Ásia. Já os emigrantes fazem o caminho oposto. Em outras palavras, expatriado é um rótulo reservado aos indivíduos dos chamados países desenvolvidos, cuja migração é vista como feita por puro desejo. Emigrados, por sua vez, são aqueles oriundos de países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, cuja errância no imaginário popular do mundo “civilizado” só pode ocorrer por necessidade.

Este ponto de vista está relacionado à dicotomia estabelecida por Stuart Hall em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006):

Após a Segunda Guerra Mundial, as potências européias descolonizadoras pensaram que podiam simplesmente cair fora de suas esferas coloniais de influência, deixando as consequências do imperialismo atrás delas. Mas a interdependência global agora atua em ambos os sentidos. O movimento para fora (de mercadorias, de imagens, de estilos ocidentais e

---

<sup>2</sup> Abreviação de *expatriate*, ou expatriado em inglês.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

## Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

de identidades consumistas) tem uma correspondência num enorme movimento de pessoas das periferias para o centro, num dos períodos mais longos e sustentados de migração “não-planejada” da história recente. [...] as pessoas mais pobres do globo, em grande número, acabam por acreditar na “mensagem” do consumismo global e se mudam para locais de onde vêm os “bens” e onde as chances de sobrevivências são maiores. (HALL, 2006, p. 81)

Os emigrados são essa massa que se desloca para o centro em busca de sobrevivência. Apesar de as antigas metrópoles coloniais desejarem se afastar de suas dívidas com os territórios submetidos à sua jurisdição no passado, o movimento de indivíduos pobres para a Europa e os Estados Unidos em busca de uma vida melhor é uma marca de nossa época e herança da exploração colonial.

É necessário, contudo, fazer alguns apontamentos sobre a análise de Hall ao pensarmos o Brasil a partir dela. Primeiro, o lugar do país nesta conjuntura. O caso brasileiro rejeita, em parte, a dicotomia proposta pelo autor. No esquema do crítico, o centro importa pessoas e a periferia as exporta - o Brasil, no entanto, não pode ser reduzido a tal bipartição, pois, contemporaneamente, somos uma nação caracterizada tanto pela importação quanto pela exportação de indivíduos. Apesar de ocuparmos a periferia no esquema criado por Hall, é necessário manter em mente que o rótulo centro/periferia depende do ponto de vista a ser considerado. Dessa forma, dentro de uma ótica latino-americana, o Brasil se torna centro e, à vista disso, a vinda ao território brasileiro é encarada por alguns sujeitos como a chance de começar uma nova vida.

Recentes pesquisas sobre o movimento migratório no Brasil apontam para nossa dualidade no contexto mundial atual. De acordo com o relatório “Refúgio em Números”, lançado conjuntamente pelo Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) do Ministério da Justiça e Segurança Pública e a Agência da ONU para Refugiados (ACNUR)<sup>3</sup>, por exemplo,

---

<sup>3</sup> Todas as edições do “Refúgio em Números” podem ser acessadas no *link*: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

até 2018 houve 161,057 mil solicitações de reconhecimento da condição de refugiados, sendo 11,231 mil reconhecidas. Dentre esses indivíduos, destacam-se sírios, que são mais da metade dos refugiados reconhecidos, e venezuelanos, responsáveis pela maior parte dos pedidos entre 2011 e 2018. Portanto, apesar de o Brasil ter se tornado uma nação onde há um maior número de pessoas saindo em comparação aos estrangeiros chegando<sup>4</sup>, não podemos ignorar a existência do fluxo de migrantes adentrando terras brasileiras<sup>5</sup>.

O segundo apontamento se relaciona ao tempo. A análise de Hall tem um recorte temporal particular: o mundo após a Segunda Guerra Mundial, caracterizado pelo “consumismo global” que convence os mais pobres a se mudarem “para locais de onde vêm os ‘bens’ e onde as chances de sobrevivências são maiores” (HALL, 2006, p. 81). Em outras palavras, o teórico está abordando o movimento migratório contemporâneo, não aquele entre o final do século XIX e o XX. Ao abrirmos o leque, todavia, e passarmos a considerar o movimento de indivíduos entre Brasil e Europa em um mundo anterior e posterior à Segunda Guerra, outras classes sociais e outros tipos de travessias emergem.

São conhecidas as viagens feitas por cientistas europeus nos trópicos ao longo dos oitocentos e da primeira metade do século passado, entretanto, era também comum a ida de membros da elite brasileira para a Europa neste período. Claudete Daflon, em seu estudo intitulado *A viagem e a escrita* (2002), identifica duas vertentes de viagem em nossa literatura. A primeira matriz se caracteriza pela declarada admiração pela Europa e seus costumes. A segunda, por outro lado, recusa o modelo anterior, que, em sua hierarquia,

---

<sup>4</sup> Alex Brum Guedes (2017), em sua pesquisa sobre imigrantes brasileiros na Florida, EUA, aponta para a classificação do Brasil como um “país de emigração” feita pelo *World Economic and Social Survey 2004*, relatório elaborado pela ONU e cita Maria Rita Fontes Faria que, em seu estudo sobre migrações, afirma, “o número crescente de haitianos, bolivianos e outros que adentram o país diariamente é sinal da natureza dual do Brasil no campo migratório” (2015, p. 66 *apud* GUEDES, 2017, p. 65).

<sup>5</sup> Literariamente, esse fluxo imigratório contemporâneo está representado em obras como *A ocupação* (2019), de Julián Fuks; *Morte Sul Peste Oeste* (2020), de André Timm; e “Meu Mar (Fé)” (2021), de Itamar Vieira Junior.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

inferiorizava a cultura brasileira diante da europeia. Nesta nova maneira de viajar, o Brasil, e a necessidade de conhecê-lo em contraponto ao diferente, se torna o motivo central de saída do país. Sobre a vertente original, a pesquisadora escreve:

Viajar de verdade seria assim prerrogativa de uma elite ‘apta’ a isso e a viagem estaria intimamente associada a um processo de formação, pois representaria antes de mais nada a possibilidade de crescimento intelectual e mesmo moral. Todavia, é também destinada ao viajante (que não turista) a tarefa da escrita, pois somente a ele são atribuídas as condições intelectuais que permitiriam o registro da viagem. Isto caracteriza, obviamente, tal viajante como elite também intelectual. (SANTOS, 2002, p. 40)

A viagem ao exterior no Brasil oitocentista era reflexo de uma posição financeira e intelectual por parte da elite brasileira. A ida à Europa, em específico, era uma “viagem de formação” feita por indivíduos que viam o continente como superior ao seu país natal e encaravam a romaria ao território europeu como oportunidade de verificação de ideias com as quais tiveram contato em suas leituras. Joaquim Nabuco, com seu livro *Minha formação*, publicado no ano de 1900, é emblemático desse ponto de vista. Sobre a obra, afirma Silvano Santiago (2004):

A *formação* do intelectual brasileiro no século 19 se confunde com outra *formação*: a da sedimentação das camadas geológicas do “espírito humano” (a expressão é do texto). Há uma tardia e, por isso, dupla inscrição do brasileiro, vale dizer, do americano, no processo histórico de esfriamento da crosta da cultura humana. Os americanos pertencem à América pelo sedimento novo, flutuante, do seu espírito, e à Europa, por suas camadas estratificadas. Pé cá, pé lá, em equilíbrio — aparente é claro, pois não se pode dar o mesmo peso e valor à busca sentimental do começo e à investigação racional da origem. O eurocêntrico Nabuco conclui: “Desde que temos a menor cultura, começa o predomínio destas [das camadas estratificadas] sobre aquele [o sedimento novo]”. Escreve ainda: “(...) o *espírito humano*, que é um só e terrivelmente centralista, está do outro lado do Atlântico”. (SANTIAGO, 2004, p. 14)



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Nabuco acreditava que a excursão à Europa era essencial para a formação intelectual e “civilizada” de um brasileiro. Um indivíduo poderia ter contato com o “grande espetáculo” da civilização, para usar a terminologia teatral de seus escritos, somente no “Velho Mundo”. Logo, a opção de Daflon por nomear a vertente oitocentista de viagem como “Linhagem de Nabuco”. Para essa elite, a partida para as antigas metrópoles fazia parte de um processo de formação importante, pois providenciava o amadurecimento crucial para futuras atuações profissionais e políticas. Não é necessário nos estender sobre a dependência cultural denunciada por essa perspectiva.

Este ponto de vista, todavia, seria contestado pela chamada “Linhagem modernista”. Mário de Andrade, que nunca viajou para fora do país, assume a posição central do modo de encarar a ida à Europa presente no Modernismo brasileiro, caracterizado por sua recusa de tratar o espaço europeu como um padrão cultural a ser seguido. Santiago, ao escrever sobre as cartas enviadas a Carlos Drummond de Andrade por Mário, explica essa quebra ideológica:

De maneira bem-humorada, começa por propor a Carlos Drummond que considere a “tragédia de Nabuco” como par para a doença tropical transmitida pelos insetos conhecidos como *barbeiros* que leva o nome do cientista que a descobriu, a doença de Chagas. A dita tragédia de Nabuco nada mais seria do que uma outra e semelhante doença tropical, transmitida aos jovens pelo bacilo das ninfas européias. [...] “Moléstia de Nabuco é isso de vocês [brasileiros] andarem sentindo saudade do cais do Sena em plena Quinta de Boa Vista e é isso de você falar dum jeito e escrever covardemente colocando o pronome carolinamichaelismente. Estilize a sua fala, sinte a Quinta de Boa Vista pelo que é e foi e estará curado da moléstia de Nabuco” (SANTIAGO, 2004, p. 24-25)

Para os modernistas, o intelectual brasileiro tolerante à ideia de superioridade europeia ainda não havia enfrentado o passado nacional. Este indivíduo ou tinha um olhar ufanista sobre o Brasil ou ignorava o produto gerado pela aclimatação da cultura da metrópole nos trópicos. Escreve Mário: “Nós já temos um passado guassu e bonitão pesando em nossos



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

gestos; o que carece é conquistar a consciência desse peso, sistematizá-lo e tradicionalizá-lo, isto é, referi-lo ao presente” (*apud* SANTIAGO, 2004, p. 25). Dessa maneira, bastava ao paulista o trânsito por terras brasileiras, a viagem a Minas Gerais e suas cidades coloniais na companhia de Tarsila do Amaral, René Thoillier, Olívia Guedes Penteadó, Goffredo Telles, Blaise Cendrars, entre outros, sendo o maior exemplo dessa crença.

Já a ida ao continente europeu, feita, se não por Mário, por outros modernistas, rompe com a necessidade da dita formação civilizada e se configura como possibilidade de descoberta da cultura brasileira. A hierarquia entre Europa e Brasil é rejeitada e a confrontação entre nacional e cosmopolita possibilita uma nova leitura de Brasil. Retornando ao trabalho de Daflon:

Estar fora do Brasil conferiria a esse intelectual a surpreendente visão de seu país, e o sentido da descoberta aguçado pelas idéias européias que lhe fomentara o pensamento dariam a seus olhos sensibilidade adicional. O fluxo predominantemente de importação cederia espaço à exportação, graças ao reconhecimento do que é peculiar ao solo pátrio e, conseqüentemente, à “primeira construção brasileira”: poesia de exportação. O que se tem, na realidade, não é a recusa da viagem à Europa mas a inclusão do Brasil no roteiro. (SANTOS, 2002, p. 142)

A viagem à Europa no Brasil, portanto, será tradicionalmente definida pela mentalidade de Nabuco ou pela perspectiva de Mário. No entanto, apesar de suas oposições, as duas vertentes se aproximam por ambas representarem a saída ao exterior através da figura do intelectual e a limitando ao movimento feito pela elite. De acordo com Daflon, as duas formas de viajar classificam somente a elite intelectual como habilitada, ou “autorizada”, a verificar o modelo cultural europeu de sua formação (no caso da vertente de Nabuco) ou a descobrir o Brasil a partir da diferença (na hipótese modernista). Cabe salientar, novamente, que a autora está tratando de um período específico em sua análise: o final do século XIX e a primeira metade do XX. Apesar de nosso objeto de análise não pertencer ao mesmo recorte



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

temporal, para nós é importante compreender esse passado para entender como ele ecoa na literatura contemporânea e, em particular, na escrita de Ruffato, principalmente com o que diz respeito à relação entre classe e deslocamento.

Quando olhamos para a literatura brasileira contemporânea, identificamos como a presença da figura do migrante é vasta neste âmbito. Stefania Chiarelli (2016), em um panorama sobre o estrangeiro em nossa literatura, destaca como o tema está presente em autores como Milton Hatoum, Ana Miranda, Moacyr Scliar, Oscar Nakasato, entre outros. Examinando o levantamento de Chiarelli, contudo, percebemos não só que essas obras abordam a imigração, mas também que elas lidam principalmente com o deslocamento feito no final do século XIX e início do XX. Entre os escritores contemporâneos citados por Chiarelli, há a estratégia de deslocar a narrativa para o momento da vinda do personagem (Miranda e Nakasato, por exemplo) ou de focar nos descendentes desses imigrantes (Hatoum e Scliar). Todavia, considerando as mudanças ocorridas com respeito à migração após a Segunda Guerra, em especial o lugar ocupado pelo Brasil neste atual contexto, podemos pensar em uma ficção sobre novos temas na literatura de migração. A já referida dualidade brasileira, dessa forma, entra em jogo nesta produção ao percebermos, concomitantemente, abordagens sobre refugiados (*A ocupação*, de Julián Fuks, por exemplo) e obras sobre a emigração.

Em uma ficção sobre os trânsitos contemporâneos, há a oportunidade de uma narrativa em que o brasileiro no exterior, ao contrário daquele encontrado no estudo de Daflon, não tem somente o estatuto de viajante ou turista ao se deslocar para fora do país, mas também o de emigrante. Assim, essa seria uma literatura com a capacidade de refletir sobre a posição do Brasil como membro da periferia latino-americana em um mundo globalizado. Como exemplos dessa produção, podemos pensar em obras como *Pau-de-arara Classe Turística*



(1996), de Regina Rheda, a história de uma brasileira na Europa, ou *Vidas provisórias* (2013), de Edney Silvestre, uma narrativa sobre brasileiros em Nova York. Entretanto, neste artigo optamos por analisar *Estive em Lisboa e lembrei de você* devido à relação entre os temas de (e)migração e pobreza presente no romance<sup>6</sup>.

## 2. Deslocamento do pobre e a escrita ruffatiana

O final do primeiro capítulo de *Estive em Lisboa e lembrei de você* nos diz algo sobre o deslocamento convencional do pobre em nossa literatura:

Semíramis clamou, “Esquece de dar notícia não, meu bem!”, cruzamos a ponte nova, flanqueamos a Industrial, atravessamos a Vila Minalda, e, numa curva, depois do Clube Meca, Cataguases desapareceu, e o senhor, sentado ao meu lado, respeitoso, perguntou se viajava a passeio ou a negócio. (RUFFATO, 2009, p. 37)

Semíramis, a irmã de Serginho, anuncia para todos no ônibus no sentido ao Rio de Janeiro que seu irmão “está indo lááááá pra Portugal” (RUFFATO, 2009, p. 36), gerando interesse nos outros passageiros e resultando na pergunta ao final do capítulo: viaja a passeio ou a negócio? A dúvida do senhor, uma pergunta comumente feita a quem parte para longe, reduz a experiência de Serginho a duas opções impossíveis de serem escolhidas. Ele não vai a passeio porque não é turista, tampouco se encaixa na segunda alternativa, pois, apesar de seu objetivo de trabalhar, “viajar a negócio” não se refere a ser garçom em outro país, mas à experiência de trabalho de uma elite. Logo, o capítulo encerra-se sem a resposta de Serginho,

---

<sup>6</sup> Não estamos aqui adotando uma perspectiva de bipartição entre refugiado-imigrante, na qual o primeiro é movido por motivos políticos e o segundo por razões socioeconômicas. Essa dicotomia, ao nosso ver, é limitada e não dá conta de explicar os fluxos migratórios contemporâneos. Neste artigo, partimos da hipótese de que na ficção de Ruffato, devido ao interesse do autor de plasmar a vida da classe média baixa, o personagem é movido, sobretudo, pelo dinheiro.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

simbolizando como o pobre está excluído da experiência de trânsito ao estrangeiro, seu deslocamento, por conseguinte, imaginado somente dentro do território nacional. Ruffato trabalha esse ponto também ao mostrar a ignorância de Serginho sobre o processo de saída ao exterior:

"Como é que um sujeito chega em Portugal?", "De avião, ora pois", "Como é um avião por dentro?", "Apertado", "De onde sai o avião?", "Do Rio de Janeiro", "Quanto tempo demora a ida?", "Umas nove horas", "E a volta?", "Mesma coisa, ora pois", "Tem banheiro?", "Evidentemente", "Dá pra dormir?" "Até ronco", "Tem comida?", "A da TAP é boa", "E o país?", "O melhor do mundo", "Onde um sujeito, que quiser ir, compra a passagem?", "Em Juiz de Fora", "Quanto custa mais ou menos?", "Uns mil dólares, dependendo da época", "Mil dólares?", "Dependendo da época", "Que mais um sujeito, que quiser ir, precisa saber?", "Tem que tirar passaporte...", "Passaporte?", "Um documento universal", "Hum...", "E tem que trocar o dinheiro", "Onde o sujeito arruma o tal passaporte?", "Na Polícia Federal, em Juiz de Fora", "E o que o senhor falou de dinheiro?", "Tem que trocar, levar euro", "E se o sujeito nem nunca viu euro de perto?", "Guardo comigo algumas notas, posso mostrar" (RUFFATO, 2009, p. 28-29)

O diálogo acima é entre Serginho e “seu” Oliveira, imigrante português, dono de um bar e morador de Cataguases, que apoia a ida do mineiro para Portugal. Estruturada na forma de perguntas e respostas, em um parágrafo corrido sem as indicações de quem fala, a conversa ganha a dinâmica de questionário e deixa claro o desconhecimento de Serginho sobre a empreitada na qual planeja embarcar. As dúvidas sobre o avião - se há banheiro e comida, e se dá para dormir - indicam como esse modo de transporte não faz parte do mundo de alguém cuja origem é a classe média baixa. As dúvidas sobre o passaporte, em particular, assinalam a posição periférica de Serginho no mundo globalizado. Se o passaporte, como Néstor Garcia Canclini (2014) argumenta, serve como metáfora para pessoas de um tempo multicultural e definem as origens desses viajantes (CANCLINI, 2014, p. 3), o total desconhecimento de Serginho sobre tal documento, reforçado pelo “Hum...” de incompreensão após a



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

explicação de seu Oliveira, fortifica sua dupla subalternidade de latino-americano pobre e indica seu lugar na periferia global.

Essa posição marginal é corroborada pelas preocupações financeiras de Serginho sobre a viagem. Infelizmente, Ruffato não explora o *coyote* ou o falsário de documentos no romance, figuras que poderiam ser uma rica fonte para qualquer obra que visa a plasmar a dificuldade de emigração da classe baixa. Diríamos que, dentro de uma ótica literária, o *coyote* e o falsário surgem como o Mefistófoles de Fausto para pessoas que não enxergam um modo legal de sair do país; para esses indivíduos, um pacto com o diabo se torna a única via provável de alcançar o objetivo de viajar para o exterior. De qualquer forma, Ruffato faz uso de outros aspectos em *Estive em Lisboa e lembrei de você* para dar forma aos obstáculos inerentes ao deslocamento de pessoas pobres, com principal destaque dado à aflição socioeconômica.

Primeiro, o personagem escolhe vender para Semíramis sua parte da casa herdada com o falecimento de sua mãe, quantia que juntaria a uma “raspa-de-tacho do Fundo de Garantia” (RUFFATO, 2009, p. 26), e depois interroga seu Oliveira sobre o valor necessário, como se percebe na citação na página anterior. O plano não funciona bem, contudo, porque “os bancos recusavam empréstimo pro meu cunhado, nome-sujo na praça, e jogavam eles na arena dos agiotas” (RUFFATO, 2009, p. 34), resultando na desconfiança dos outros moradores de Cataguases sobre as intenções de Serginho. Por fim, a poupança na Caixa Econômica serve para pagar pelo passaporte e Semíramis hipoteca sua parte da casa para conseguir comprar a de Serginho - o pacto com diabo que podia ser explorado nas figuras do *coyote* e do falsário de documentos, portanto, é feito com os bancos. Sendo assim, parte da narrativa é dedicada a representar a dificuldade financeira encarada por um membro da classe média baixa ao decidir



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

sair do país. A abordagem realista de Ruffato, nomeando o Fundo de Garantia e a Caixa Econômica, molda esse mundo e dá ênfase à questão socioeconômica.

Ruffato, dessa forma, mostra as dificuldades apresentadas quando alguém de uma camada social mais baixa decide migrar ao estrangeiro, e, conseqüentemente, como nossa imaginação os limita a se deslocarem somente pelo espaço nacional. Na literatura brasileira, surgem algumas narrativas para corroborar a perspectiva de que nós restringimos o tráfego do pobre às fronteiras nacionais. De contos como “Noturno” (1956), de Samuel Rawet, a história de um retirante nordestino em Brasília, a obras mais conhecidas como *A hora da estrela* (1979), de Clarice Lispector, *Morte e Vida severina* (1994), de João Cabral de Melo Neto, e *Vidas Secas* (1992), de Graciliano Ramos, a imagem do migrante pobre está presente no âmbito literário brasileiro e sua representação limitada ao espaço nacional. As quatro obras aqui citadas indicam a existência de uma forte associação entre esse deslocamento no âmbito nacional por pessoas em busca de uma vida melhor e a região do nordeste, muito devido à imagem do retirante, mas também o vemos presente em uma figura como Carolina Maria de Jesus, uma mineira nas favelas de São Paulo - ou seja, seu diário não é só de uma favelada, mas de uma favelada *migrante*.

Faz-se, portanto, necessário entender como estas obras caracterizam a migração do pobre. Sobre Clarice e Graciliano, Lucia Helena (2011), em sua análise dos dois romances, afirma que apesar de ambos terem como foco a errância de personagens pobres, eles diferem em relação ao alcance *físico* desse deslocamento. No artigo, a crítica aponta para como em Graciliano, a família fica presa no sertão, sem nunca chegar à cidade, mas em Clarice, Macabéa consegue esse feito. Quanto a essa tradição, em Ruffato, dá-se um passo a mais, e o pobre sai do país para ir à Europa. Entretanto, mesmo assim, ele não consegue escapar de um



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG - LET UFRGS  
<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura  
contemporânea: corporeidades

aspecto presente em Graciliano e Clarice e comum para o migrante pobre em nossa literatura: o final infeliz.

Nas narrativas mencionadas, a família em *Vidas Secas* está fadada ao ciclo de miséria em um sertão que a reduz à condição de bicho; Macabéa, ao final do romance, morre “numa cidade toda feita contra ela” (LISPECTOR, 1979, p. 19); Carolina está presa à favela e não consegue se livrar da fome; e o protagonista do conto de Rawet comete suicídio. O poema de João Cabral pode parecer ser uma exceção em um primeiro momento devido ao nascimento da criança como resposta à vontade de Severino de se matar, mas, mesmo sem a morte, sua vida continua árdua. Dessa maneira, todos são indivíduos deslocados em busca de vidas melhores, mas não alcançam o sucesso. O mesmo pode ser dito sobre o protagonista de *Estive em Lisboa e lembrei de você*. No final do romance, Serginho se encontra sem dinheiro, sem passaporte, sem previsão de voltar ao Brasil e fumando novamente em uma cidade onde sua presença é indesejada. O ato de fumar ganha importância especial devido ao uso do vício, seja do tabaco ou do álcool, como um *leitmotiv* na escrita de Ruffato.

As obras de Ruffato estão repletas de personagens, em geral masculinos, viciados em fumar ou beber. Além de Serginho, podemos citar Oséias, protagonista do romance *O verão tardio* (2019), um ex-fumante assim como Serginho; Zé Bundinha de “A homenagem” e Zunga de “Ciranda”, contos de *O mundo inimigo* (2016)<sup>7</sup>, ambos alcoólatras, entre inúmeros outros exemplos. A obra mais emblemática nesse aspecto, contudo, é o conto “Ubá, Natal de 1981” (2018), publicado no site da Revista Cultura do Divã, uma breve narrativa cujo início nos apresenta o protagonista, um jovem de vinte anos, anunciando para a família sua saída voluntária da fábrica onde estava empregado. Caracterizado como um “menino de juízo”,

---

<sup>7</sup> Neste trabalho, não lemos os cinco livros que compõem o projeto Inferno Provisório - *Mamma, son tanto felice*, *O mundo inimigo*, *Vista parcial da noite*, *O livro das impossibilidades* e *Domingos sem Deus* - isoladamente, mas como parte do romance *Inferno Provisório*, livro que reúne e reedita as cinco obras anteriores.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

“caseiro, obediente e companheiro”, o personagem principal passa as primeiras semanas após largar o trabalho deitado na cama, saindo do quarto somente para comer. Contudo, subitamente, o menino que “não possuía vício algum” começa a fumar, depois a passar a noite fora de casa e, em seguida, perambular “de botequim a botequim”. Por fim, ao ver o sofrimento da mãe, o filho sai de casa e “desaparece para sempre”.

Não há explicação no conto para a mudança extrema no comportamento do protagonista. Essa questão fica em aberto ao final da narrativa. Entretanto, a impressão dada é a existência de uma relação entre o estado emocional do personagem e os hábitos adquiridos ao longo da história. O consumo em excesso de cigarro e de bebida, dessa forma, pode ser lido como reflexo de seu espírito niilista. Isso também é notado em Serginho.

Em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, Serginho constantemente batalha contra a vontade de fumar. O romance inicia colocando esse ponto como central no enredo. A primeira frase, “Voltei a fumar, após seis anos e meio, pouco mais ou menos, da minha visita ao doutor Fernando” (RUFFATO, 2009, p. 15), marca o tempo da narrativa. A obra abre com a decisão de Serginho de largar o cigarro e fecha com a volta ao hábito de fumar; a frase, portanto, estabelece que o material narrado se passa ao longo desses seis anos de abstenção. Ainda mais importante, o personagem agrega ao abandono da prática o começo de suas decepções: “Mas foi parar de fumar, e as coisas degradingaram na minha vida”, afirma Serginho no início de um parágrafo constituído como o agregado dos motivos de sua migração (RUFFATO, 2009, p. 21). De qualquer forma, são os eventos árduos no segundo capítulo do livro os responsáveis por seu retorno ao cigarro.

*Estive em Lisboa e lembrei de você* é dividido em dois capítulos, o primeiro intitulado “Como parei de fumar”, conta sobre Cataguases, e o segundo, “Como voltei a fumar”, sobre Lisboa. Ou seja, as cidades dividem a narrativa geograficamente, mas é o vício do cigarro,



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

como o título de cada parte indica, o critério da partilha temporal. Já no início do romance, percebemos a ligação entre o cigarro e o estado emocional de Serginho, pois, ao se lembrar de um rompimento amoroso momentos após sair do encontro com seu médico, ele afirma, “já sentindo falta do cigarro, me perguntava se valia a pena tanto sacrifício” (RUFFATO, 2009, p. 18). Ao encarar seu primeiro obstáculo em Portugal, acreditando, incorretamente, que seu Oliveira o tinha enganado e entregado informações erradas sobre quem poderia ajudá-lo no país, Serginho novamente sente vontade de fumar, “aos poucos baixou uma saudade danada da época que eu fumava” (RUFFATO, 2009, p. 44), mas resiste devido ao compromisso assumido com o doutor Fernando, seu médico. No entanto, a promessa acaba por ser insuficiente e Serginho, após perder o passaporte, o emprego, endividar-se e não ter economias, volta ao hábito: “E foi assim que, depois de seis anos e meio, pouco mais ou menos, entrei numa tabacaria, pedi um maço de SG, um isqueiro, tirei um cigarro, acendi e voltei a fumar” (RUFFATO, 2009, p. 83).

A última frase do romance, portanto, retoma a primeira, fechando o círculo narrativo e revelando não só a volta ao hábito, mas também o tempo de duração de sua abstenção. Ainda mais importante, o gesto simboliza a desesperança de Serginho, indicando o ponto mais baixo da narrativa e dando a entender que ele continuará clandestino em Portugal e sem possibilidades de voltar para o Brasil. Para Sara Brandellero (2017), o uso que Ruffato faz do cigarro para trabalhar o esgotamento emocional do personagem se relaciona com a obra de Fernando Pessoa, em específico com o poema “Tabacaria”. A pesquisadora argumenta que *Estive em Lisboa e lembrei de você* é marcado por uma profunda intertextualidade com o poeta português, produto, de acordo com ela, de uma intensa relação entre os dois escritores cujo ápice é uma antologia pessoana organizada por Ruffato. Curiosamente, “Tabacaria” é o poema de abertura desse livro. Brandellero, dessa forma, lê o final do romance como um “ato



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

[que] parece remeter aos versos pessoanos: ‘Enquanto o destino me conceder / continuarei fumando’” (BRANDELLERO, 2017, p. 17). Para a pesquisadora, o niilismo marcante do início do poema de Pessoa e o tom torturado ao longo dos versos são refletidos na situação de Serginho. Apontaríamos, todavia, que a euforia presente no momento de saborear o cigarro no poema pessoano não faz parte do desfecho ruffatiano. Serginho, ao falar de sua tabacaria, remete à visão do eu-lírico de Pessoa quando este diz, “Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade. / Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer” (PESSOA, 1944). Consequentemente, o retorno ao cigarro e a intertextualidade com o poema português informam que, assim como os finais de Clarice, Graciliano, Carolina e João Cabral, o deslocamento do pobre em busca de melhores condições de vida também é um fracasso em *Estive em Lisboa e lembrei de você*.

Retornando à questão do deslocamento do pobre em nossa literatura, ao tentarem demarcar as fronteiras de uma literatura de imigrante no Brasil, Sandra Regina Goulart Almeida e Maria Zilda Ferreira Cury (2018) classificam Luiz Ruffato como pertencente a essa vertente e afirmam que a crítica a respeito dessa produção privilegia abordagens relacionadas à busca pelas origens, à reconstrução da memória, ao questionamento da identidade cultural, à possibilidade de negociações identitárias, à história de sagas familiares, ao desenvolvimento de conflitos geracionais e à produção de registros autobiográficos (ALMEIDA; CURY, 2018, p. 86). Vários desses pontos são válidos para falar da escrita de Ruffato, mas a questão socioeconômica também é central em qualquer obra do autor. Em uma entrevista concedida a Ubiratan Brasil, para o jornal *Estado de São Paulo*, Ruffato afirma:

Todos os meus livros, de uma forma ou de outra, tratam de uma única questão: o desenraizamento. Este tema principal está presente em *Eles Eram Muitos Cavalos*, está presente no *De Mim Já Nem se Lembra*, que terá uma reedição pela Companhia das Letras [sic] ainda neste ano, e está presente no projeto *Inferno Provisório*. O que houve é que em *Estive em*



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

## Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

*Lisboa e lembrei de você* ampliei esse olhar acompanhando o personagem, um imigrante brasileiro, no exterior. Até então, havia me dedicado a tentar entender esse processo de desenraizamento dentro do Brasil. Com *Estive em Lisboa e lembrei de você*, comecei a perfazer esse novo caminho, que em *Flores Artificiais* eu aprofundo. Esteja onde estiver, a sensação é sempre de ocupar um não lugar. É isto que meu novo romance propõe. (RUFFATO, 2014)

Desse modo, desde quando se destacou no âmbito literário com a publicação de *Eles eram muitos cavalos* (2001), Ruffato tem abordado, em menor ou maior grau, o trânsito de indivíduos pobres. No romance, alguns fragmentos tratam do migrante em busca de uma melhor oportunidade de vida. O mesmo pode ser dito sobre *De mim já nem se lembra* (2007), em que o protagonista se muda do interior de Minas Gerais para São Paulo, visando à ascensão socioeconômica, e o projeto *Inferno Provisório* (2016), o qual recria a história do proletário brasileiro na segunda metade do século XX e representa a imigração de italianos para o Brasil, assim como a de mineiros para o estado paulista. O deslocamento em Ruffato, portanto, é atravessado pela questão da classe social.

A afeição de Ruffato por indivíduos de camadas desfavorecidas é clara não só na leitura de seus romances, mas também em entrevistas, discursos e textos não literários escritos pelo mineiro. Em “Até aqui, tudo bem! (como e por que sou romancista - versão século 21)” (2018), que, como a clara intertextualidade com o texto de José de Alencar revela, funciona como um tipo de esclarecimento sobre a literatura do autor, ele explica:

Sobre o que escrever era a pergunta que me parecia mais fácil responder. Obviamente, eu pensava, sobre o universo que conheço, o do trabalhador urbano, os sonhos e pesadelos da classe média baixa, esse recorte social indefinido, com todos os seus preconceitos e toda a sua tragédia. Digo obviamente porque para mim a Arte é manifestação de experiências pessoais, embora não necessariamente autobiográficas. Mas, curiosamente, quando fui pesquisar na história da literatura brasileira os meus antecessores, imensa a minha decepção. Poucos, ou melhor, pouquíssimos autores haviam se debruçado sobre essa questão. Por quê? Porque, penso contribuir para essa reflexão, de um lado o trabalhador urbano não suscita o glamour, por exemplo, que suscita o malandro ou o bandido – personagem sempre presente na ficção nacional, representado do ponto de vista da classe média como um destabilizador da ordem social; de outro lado, absorvidos pela inflexível hierarquização da sociedade brasileira, os



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

## Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

indivíduos oriundos de classe média baixa necessitam negar suas origens para serem aceitos na sociedade. (RUFFATO, 2018)

Os interesses literários de Ruffato, portanto, estão entrelaçados com suas origens. Filho de pipoqueiro e lavadeira, fato levantado em “Até aqui, tudo bem” e em outros textos, o escritor tem por objetivo representar o universo “do trabalhador urbano, os sonhos e pesadelos da classe média baixa”. Aqui, é importante salientar que o pobre presente nas obras do autor não é aquele tradicionalmente presente em nossa literatura. Se, por um lado, a produção literária no Brasil representa o mundo de uma camada social mais alta, por outro, quando ela se afasta desse universo, surgem personagens como Fabiano, Macabéa e Severino, para limitarmos-nos a obras já mencionadas aqui, cujas vidas são atravessadas por uma miséria intensa. Os livros de Ruffato, entretanto, se distanciam de ambos os extremos. Assim como o autor de *Eles eram muitos cavalos* não foca na elite brasileira, aqueles que são vítimas de um total desamparo social também não estão no âmago de suas obras.

Para nossa tentativa de mostrar como há diferentes camadas de subalternidade dentro da ampla categoria de “pobre”, e como Ruffato explora essa questão, fazer sentido, vale a pena discutir dois termos que, no caso, não descrevem Serginho no Brasil: subclasse (BAUMAN, 2007) e *homo sacer* (AGAMBEN, 2002). Sobre o primeiro, escreve Zygmunt Bauman em *Vida para consumo* (2007):

“Subclasse” evoca a imagem de um agregado de pessoas que foram declaradas fora dos limites em relação a *todas* as classes e à *própria hierarquia de classes*, com poucas chances e nenhuma necessidade de readmissão: pessoas sem um papel, que não dão uma contribuição útil às vidas dos demais, e em princípio além da redenção. Pessoas que, numa sociedade dividida em classes, não constituem nenhuma classe própria, mas se alimentam das essências vitais de todas as outras, erodindo, desse modo, a ordem da sociedade baseada em classes. (BAUMAN, 2008, p. 156)



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

De acordo com Bauman, a atual sociedade de consumo tem sido responsável por tornar parte da população em vítimas colaterais do sistema socioeconômico; isto é, em indivíduos cujas dificuldades financeiras são encaradas como casualidades da atual conjuntura social. Essas pessoas, membros da chamada subclasse, termo cunhado por Gunnar Myrdal, economista sueco, em 1963, são, nas palavras de Bauman, “consumidores falhos” - sujeitos que não exercem o poder de compra em uma sociedade na qual o pobre é definido não como um desempregado, mas como um não consumidor. A consequência dessa nova organização é a visão do pobre, pela primeira vez, como inútil e um empecilho para o restante da população.

Através das terminologias *classe trabalhadora* e *classe baixa*, Bauman explica como, tradicionalmente, a sociedade via o pobre como alguém necessário. O primeiro termo, conforme o autor, pertence a um imaginário no qual as funções e responsabilidades sociais dos mais ricos e dos mais pobres são diferentes, mas complementares. Neste caso, a classe trabalhadora é composta por pessoas cujo papel é indispensável na sociedade e esperam ser recompensadas por sua função. Já a segunda nomenclatura diz respeito a uma sociedade onde se acredita na mobilidade social. Aqueles pertencentes à classe baixa, neste contexto, são considerados indivíduos que podem, com trabalho e esforço, subir os degraus da escada social e escapar de sua presente situação.

Para Bauman, nenhuma das duas terminologias acarreta o sentido de inutilidade e aborrecimento presente ao falar da subclasse. A citação que o autor usa de uma entrevista de Herbert J. Gans, sociólogo estadunidense, ao *Le Monde* em 2006, melhor serve para entender quem compõe este grupo:

Essa definição comportamental denomina pessoas pobres que abandonaram os estudos, não trabalham e, caso sejam mulheres jovens, têm filhos sem o benefício do casamento e vivem da previdência social. A subclasse comportamental também inclui os sem-teto, mendigos e pedintes, pobres viciados em álcool e drogas, além dos criminosos de



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

## Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

rua. Como o termo é flexível, os pobres que vivem nos “conjuntos habitacionais”, os imigrantes ilegais e os membros de gangues de adolescentes também são muitas vezes classificados como subclasse. Na realidade, a própria flexibilidade da definição comportamental é que propicia que o termo se torne um rótulo capaz de ser usado para estigmatizar os pobres, seja qual for seu verdadeiro comportamento. (GANS, 2006 *apud* BAUMAN, 2008, p. 156)

Os constituintes da subclasse são heterogêneos e variados. Como Bauman aponta, é dúbia a relação estabelecida entre os tipos de indivíduos classificados como pertencentes ao grupo, fora a forma que a sociedade vê a sua exterminação como favorável. Leila Lehnen (2017) recorre à categoria em sua análise de dois romances de Ana Paula Maia, *Entre rinhas de cachorros e porcos abatidos* (2009) e *De gados e homens* (2013), para mostrar como os personagens em ambas narrativas são excluídos e incapazes de transgredir suas condições sociais. Ainda sobre esse aspecto, Lehnen também rotula os personagens das duas obras como *homo sacers* com base em sua leitura de Giorgio Agamben (2004) em virtude do espaço ambíguo ocupado por essas pessoas no qual elas estão banidas e existem fora da proteção da lei, mas, ao mesmo tempo, podem ser punidas por ela. Dessa forma, para Lehnen, os subúrbios onde os personagens dos romances moram se aproximam da ideia de *campo* de Agamben, isto é, o espaço ao qual o *homo sacer* é relegado.

Para nós, outro elo possível entre a subclasse e o *homo sacer* tem a ver com o valor da vida dessas pessoas. Como já dito, a sociedade contemporânea encara os integrantes da subclasse como um incômodo, mas, além disso, se a aproximação de Lehnen entre as duas categorias vale, e acreditamos que sim porque ambas apontam para uma exclusão social composta por indivíduos cujos direitos básicos são negados, também é necessário levar em consideração o argumento de Agamben sobre o homicídio de membros desse grupo. Para o filósofo, parte da ambivalência do *homo sacer* se encontra na maneira como se pode matar impunemente sujeitos assim rotulados.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Termo pertencente à Roma Antiga, a figura do *homo sacer*, para Agamben, é aquele portador da vida nua. Não havia, no mundo clássico dos gregos, uma única palavra para expressar aquilo chamado hoje de vida, mas usavam-se dois vocábulos: *zoé* e *bios*. O primeiro se referia ao ato de viver, enquanto o segundo se associava à cidadania. A vida nua, por sua vez, se encontrava na fronteira entre *zoé* e *bios*. Dessa forma, o abandono sofrido pelo portador da vida nua – o *homo sacer*, no cenário aqui considerado – não o excluía por completo, uma vez que ele ainda se encontrava subordinado ao poder de quem o abandonou. Tal dinâmica explica a escolha de Lehen por usar o termo para descrever personagens nos romances de Maia cujo desamparado perante o Estado não elimina a possibilidade de punição por órgãos governamentais.

Contudo, como diz respeito à morte do *homo sacer*, Agamben também explica que apesar de esse indivíduo ser excluído porque a população julgava-o como tendo cometido uma séria transgressão, não era permitido sacrificá-lo. Porém, e esta é a parte de maior interesse para nossa análise, mesmo havendo esse entendimento, tampouco era um crime matar o homem sagrado. A relação sendo estabelecida aqui é a seguinte: se um membro da subclasse é um *homo sacer* devido à exclusão social sofrida por ambas as categorias, o “crime” cometido por essas pessoas é ser pobre e não se engajar de maneira “correta” na sociedade de consumo, se tornando inconvenientes e suas mortes desejadas. E caso essas mortes venham das mãos de outro membro da sociedade (ou do próprio Estado), elas significam muito pouco para o Estado, cujo posicionamento é excluir esses sujeitos e os jogar para periferias esquecidas e abandonadas (os campos de Agamben, como Lehen mostra).

O movimento de exclusão social em razão da falta de engajamento com a sociedade de consumo é devido à relação entre as categorias de cidadão e de consumidor no século XXI. De acordo com Canclini (1997), sempre houve, historicamente, uma associação entre o



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

exercício da cidadania e a fruição de bens de consumo, mas as diferenças geradas por tal vinculação eram compensadas por direitos abstratos. Hoje, todavia, a norma é outra. "[M]uitas das perguntas próprias dos cidadãos - a que lugar pertença e que direitos isso me dá, como posso me informar, quem representa meus interesses -", argumenta o antropólogo, "recebem sua resposta mais através do consumo privado de bens e dos meios de comunicação de massa do que nas regras abstratas da democracia ou pela participação coletiva em espaços públicos" (CANCLINI, 1997, p. 13). Na hipótese do autor, a globalização neoliberal gerou a subordinação da política às regras do comércio e da publicidade estabelecidas pelo mercado. Assim, para Canclini, ser cidadão hoje tem a ver com o acesso aos bens da globalização. A consequência é a desigualdade e a pobreza uma vez que "o que chega de toda parte se oferece e se espalha para que alguns possuam e imediatamente esqueçam" (CANCLINI, 1997, p. 19). Esses *alguns*, a nosso ver, pertencem à elite de cada país.

Fazemos esse trajeto teórico para argumentar que Serginho, apesar de não usufruir dos bens gerados pela globalização e sofrer os efeitos negativos dessa conjuntura neoliberal, não é um *homo sacer* e tampouco faz parte da subclasse. Ruffato se vincula a Graciliano, Clarice e João Cabral, como vimos, por escrever sobre indivíduos desfavorecidos socialmente, mas não se pode igualar a situação de Serginho e de outros protagonistas do escritor de Cataguases ao total desamparo social dos personagens desses últimos autores. Não negamos, é claro, a existência de uma exclusão social extrema em algumas obras do mineiro. O Beco do Zé Pinto, presente em livros como *O mundo inimigo* (2016) e *Vista parcial da noite* (2016), ambos parte do projeto *Inferno Provisório* (2016), por exemplo, se aproxima, a nosso ver, dos campos de Bauman assim como os subúrbios dos livros de Maia o fazem para Lehnen. Entretanto, quando Ruffato afirma seu interesse por escrever sobre uma *classe média baixa e urbana*, ele não está se referindo a Macabéas, Severinos e Fabianos. Assim como a fala de Serginho sobre



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

vender sua parte da casa herdada de mãe para conseguir viajar para Portugal nos mostra como ele não faz parte da elite brasileira, em outro nível, ela também identifica seu não pertencimento a uma camada rodeada por miséria. A presença da sua motocicleta ao longo da primeira metade da narrativa também serve para plasmar um mundo em que o pobre, ao contrário daquele de Clarice e Graciliano, tem propriedades.

Se há uma relação direta entre ser membro da subclasse e o perfil de consumidor de uma pessoa, e se a cidadania hoje está atravessada pelo consumo, os bens de um cidadão são relevantes para determinar como ele será tratado. Além da casa, o maior bem de Serginho é sua motocicleta. As perambulações do personagem por Cataguases acontecem montado no veículo, mas a importância deste aparece pela primeira vez quando Serginho conta sobre uma decepção amorosa. Karina, uma ex-namorada, é acusada por Serginho, dono de uma Biz, de o ter largado por “um rapaz dono de uma 125 azul” (RUFFATO, 2009, p. 18), o que “impingiu [em Serginho] a certeza de que no Brasil vence o mais bem motorizado” (RUFFATO, 2009, p. 22). Dessa forma, mais adiante, o personagem relaciona o surgimento do interesse amoroso por parte de Noemi, sua ex-esposa, a ele conseguir “trocar a Biz por uma 125 retirada novinha em folha da concessionária” (RUFFATO, 2009, p. 22).

Não é novo o uso do meio de transporte como artifício de poder social por simbolizar o poder aquisitivo de um indivíduo. Podemos olhar, por exemplo, para um conto como “O importado vermelho de Noé” (2001), de André Sant’anna. Na obra, o protagonista fala sobre seu “carro vermelho, importado da Alemanha” exaustivamente ao longo da narrativa. Se, para esse personagem que objetiva escapar de São Paulo e ir para Nova York, o carro importado traz *status* e o separa do restante da população (ideia provada errada ao final do conto quando ele morre afogado nas águas transportadas e cheias de fezes do Tietê), para Serginho, membro da classe média baixa, a moto também possibilita um nível de prestígio. Fora o ônibus, a moto



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

é o meio de condução da camada social pela qual Ruffato se interessa<sup>8</sup>. Por isso, na narrativa, Serginho a vê como peça importante de sua vida social, usando-a não só em seus namoros, mas também para impressionar seus parentes, buscando “jeitos de incrementar a moto para fazer bonito nas visitas à parentalha espalhada pelas *grotas* entre Ubá e Viçosa (Senador Firmino, Presidente Bernardes, Dores do Turvo, Senhora de Oliveira)” (RUFFATO, 2009, p. 28).

É impossível pensar uma personagem como Macabéa, protagonista de uma narrativa marcada pela fome, como integrante desse jogo social no qual Serginho se insere. Não se pode rotular Ruffato, Clarice, Graciliano, Carolina, João Cabral, entre outros, como falando da mesma experiência de pobreza, visto que parte desses autores narram sobre uma extrema miséria. Serginho se coloca de forma ativa na sociedade consumista. Ele usa seus bens para alcançar algum *status* e acredita na possibilidade de ascensão social, fato que o leva a migrar para Portugal. Inclusive, são justamente seus bens - em específico, a casa - que possibilitam sua ida para o exterior. Seria difícil imaginar o deslocamento do personagem a Portugal sem esse dinheiro. Ironicamente, contudo, é justamente a ida para a Europa, onde o personagem se torna um imigrante sem registro, que o converte em membro da subclasse e em *homo sacer* devido a sua condição de pária na sociedade portuguesa.

O contexto migratório mundial mudou vastamente nas últimas décadas. Imagens associadas ao migrante contemporâneo nos inundam através da televisão, dos jornais e das redes sociais. Histórias de botes naufragados no Mediterrâneo, de pessoas afogadas no Rio

---

<sup>8</sup> Uma pesquisa da Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares (Abraciclo) de 2012, publicada na revista *em discussão!*, do Senado Federal, afirma que 85 por cento daqueles que têm motocicletas no país são das classes C, D ou E, levando o então diretor-executivo da organização, José Eduardo Gonçalves, a classificar a moto como “verdadeiro veículo popular em todos os seus aspectos” (3 ano, n. 13, nov. 2012, p. 36-38)



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

Grande e de campos de detenção de migrantes estão por toda parte. Sobre este último, vale lembrar que entre as crianças separadas de seus responsáveis e enjauladas na fronteira México-Estados Unidos em 2019 estavam brasileiros. Diante de uma conjuntura internacional em que imigrantes latino-americanos são considerados párias, é urgente uma reflexão no campo artístico sobre o lugar do Brasil no novo contexto migratório mundial. *Estive em Lisboa e lembrei de você* faz este movimento, trazendo à tona uma discussão sobre a relação entre classe e fuga de brasileiros para o exterior. Através da obra, portanto, Luiz Ruffato continua o projeto presente em sua literatura desde *Eles eram muitos cavalos*: plasmar os dramas da classe média baixa brasileira.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart; CURY, Maria Zilda Ferreira. Immigrant and Ethnic-Minority Writing in Brazilian Literature: A Fundamental Presence. In: SIEVERS, Wiebke and VLASTA, Sandra (org.). *Immigrant and Ethnic-minority writers since 1945: fourteen national contexts in Europe and beyond*. Leiden/Boston: Brill/Rodopi, 2018.p. 77-105.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BRANDELLERO, Sara. Táticas do cotidiano em *Estive em Lisboa e lembrei de você*, de Luiz Ruffato. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Coimbra, n. 27, p. 12-23, set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.24261/2183-816x0127>. Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/416/399>. Acesso em: 5 jan. 2019.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

CANCLINI, Nestor Garcia. ¿Qué representan hoy los pasaportes?. *Revista Otra parte*. Buenos Aires: Siglo XXI, p. 1-4, maio 2014. Disponível em: [http://www.nestorgarciacanclini.net/documentos/que\\_representan\\_%20hoy\\_los%20\\_pasaportes.pdf](http://www.nestorgarciacanclini.net/documentos/que_representan_%20hoy_los%20_pasaportes.pdf). Acesso em: 6 jun. 2018.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

CHIARELLI, Stefania. Que Brasil existe? Estrangeiros na literatura brasileira. *Intelligere*, Revista de História Intelectual, São Paulo, v. 2, n. 2 [3], p. 40-48, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2447-9020.intelligere.2016.117632>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revistaintelligere/article/view/117632/118475>. Acesso em: 20 mar. 2018.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Loura. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HELENA, Lucia. O coração grosso: migração das almas de do sentido. *Alceu*. v. 1, n. 2, p. 63-78, jan./jul. 2001. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=139&sid=20>. Acesso em: 8 ago. 2018.

LEHNEN, Leila. Vidas (não) comuns: pobreza e comunidades de exclusão na obra de Ana Paula Maia. In: DIAS, Ângela Maria; CHIARELLI, Stefania. *Atores em cena: o público e o privado na literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2017. p. 297-319.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina e outros poemas para vozes*. 34.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 63. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. 2 ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

REFÚGIO EM NÚMEROS E PUBLICAÇÕES. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso em: 10 dez. 2019.

RUFFATO, Luiz. *Estive em Lisboa e lembrei de você*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RUFFATO, Luiz. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RUFFATO, Luiz. *De mim já nem se lembra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RUFFATO, Luiz. *Flores artificiais*. São Paulo: Companhia das Letras: 2014.

RUFFATO, Luiz. *Inferno Provisório*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RUFFATO, Luiz. *O verão tardio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RUFFATO, Luiz. Ubá, Natal de 1981. *Cultura no divã: relações contemporâneas entre psicanálise e cultura*. Disponível em: <https://www.culturanodiva.com/uba-natal-de-1981/>. Acesso em: 01 dez. 2019.

RUFFATO, Luiz. Até aqui tudo bem!. *Olho de vidro*. 31 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://edicoesolhodevidro.com.br/ate-aqui-tudo-bem/>. Acesso em: 01 dez. 2019.

RUFFATO, Luiz. Luiz Ruffato mescla realidade e ficção em seu novo livro. [Entrevista cedida a Ubiratan Brasil]. *O Estado de São Paulo*. 14 de junho 2014. Disponível em:



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Dossiê O estrangeiro na literatura contemporânea: corporeidades

<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,luiz-ruffato-mescla-realidade-e-ficcao-em-seu-novo-livro,1511553>. Acesso em: 1 dez. 2019.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANT'ANNA, André. O importado vermelho de Noé. In: MORICONI, Ítalo (Org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. São Paulo: Objetiva, 2001

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

SANTOS, Claudete Daflon dos. *A viagem e a escrita: uma reflexão sobre a importância da viagem na formação e produção intelectual de escritores-viajantes brasileiros*. 2002. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.